

Um saber poético sobre linguagem e comunicação para além das representações

Florence Dravet¹

Resumo

Os homens se tornaram produtores de discursos sobre linguagem e comunicação, todos assentados sobre uma premissa que hoje predomina: a premissa da língua como sistema de signos e de representação. Discutimos aqui teoricamente linguagem e comunicação como saberes dizentes e poéticos que não apenas representam, mas também apresentam. À luz da poesia, da filosofia e numa perspectiva dialógica que visa acrescentar ao pensamento científico saussuriano, mostramos que a língua pode ser um acontecimento comunicacional no sentido total: um fenômeno de apresentação e representação, ao mesmo tempo, sótico e poético.

Palavras-chave: Linguagem. Comunicação. Poesia

¹ Professora Dra. do Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: flormd@gmail.com

A poetic knowledge about language and communication beyond representations

Abstract

Men have become producers of discourses on language and communication, all seated on a premise that prevails today: the premise of language as signs and representation system. We discuss theoretically language and communication as uttering and poetic knowledge that not only represent, but also present. In light of poetry, philosophy and a dialogical perspective that seeks to add to the Saussurean scientific thought, we show that language can be a communication event in a total sense: a phenomenon of presentation and representation, while signic and poetic.

Keywords: Language. Communication. Poetry.

Un saber poético sobre lenguaje y comunicación mas allá de las representaciones

Resumen

La humanidad se ha convertido en productora de discursos sobre el lenguaje y la comunicación, todos basados en una premisa que hoy prevalece: la premisa de la lengua como sistema de signos y de representaciones. Discutimos aquí teóricamente lenguaje y comunicación como saberes dicentes y poéticos que no solo representan, mas también presentan. A la luz de la poesía, la filosofía y en una perspectiva dialógica que intenta añadir al pensamiento científico de Saussure, se demuestra que la lengua puede ser un acontecimiento comunicacional en el sentido pleno: un fenómeno de presentación e representación, al mismo tiempo signico y poético.

Palavras claves: Lenguaje. Comunicación. Poesía.

A presente reflexão toma como objeto a linguagem como elemento do processo comunicacional e pretende contribuir para as reflexões sobre o lugar do poético nos processos mediáticos contemporâneos. Embora se trate de uma reflexão minoritária no campo da comunicação, são vários os grupos de pesquisa que buscam conhecer, analisar e/ou identificar o lugar do poético na comunicação e, especialmente, na mídia¹. Essas buscas são motivadas pela resistência a certa visão tecnicista da linguagem não condizente com as potencialidades dos avanços científicos e tecnológicos. No prefácio do recém-publicado livro *Poéticas da mídia*, os organizadores expõem:

Com a intensificação do uso de dispositivos tecnológicos, novas linguagens e novas cognições ensejam diferentes estetizações em variadas enunciações que perfazem os discursos da mídia. Assim, faz-se necessário arriscar novas propostas teóricas que propiciem uma satisfatória tradução dessas realidades (CARNEIRO; HOFF, 2012, p. 12).

A presente proposta apresenta-se como uma contribuição para a renovação dos caminhos teóricos possíveis no enfrentamento do problema da linguagem e da comunicação em sua dimensão poética. Renovar é questionar os padrões dominantes estabelecidos e experimentar outras possibilidades, ainda que correndo o risco de não dar conta da fluidez e da complexidade dos processos em jogo.

2 Da poesia como saber à ciência do poético

Dentro do processo da reflexão fundamental sobre essa essencialidade que é a linguagem e que acompanha o homem em sua evolução cognitiva, no Ocidente, distinguem-se claramente três etapas. Seja nos mitos cujas autoria e data se perdem no infinito das raízes da civilização humana, seja nos versos épicos de Homero, ou ainda nos fragmen-

¹ Podemos citar, em Brasília, Gustavo de Castro (UnB); em Goiânia, Goiamérico Felício dos Santos (UFG); na ESPM, João Carrascoza; na PUC/SP, Jerusa Pires Ferreira; e vários pesquisadores que trabalham perspectivas conexas ao poético, voltadas para o imaginário, como Ana Thaís Portanova (UFRGS), Josimey Costa e Alex Galeno (UFRN), Malena Contrera (UNIP), entre outros.

tos dos filósofos pré-socráticos, predomina uma relação poética ao mundo que impregna formalmente a linguagem e, consequentemente, a produção de pensamentos a seu respeito. “Ê sábio ouvir, não a si, mas ao Logos, e concordar ser Todo-Um”, enuncia Heráclito em um dos fragmentos recolhidos de seu pensamento. Como ouvir o Logos senão por meio do próprio Logos? Essa voz que fala por meio da própria linguagem – e não a voz do homem a proferi-la, ressignificando-a – será a voz capaz de nos fazer mais sábios? Talvez resida nisto – e esta será uma de nossas hipóteses aqui – o pensamento poético: no fato de que a linguagem a se ouvir não é a do homem, e sim a do Logos, ou, no sentido heraclitiano da palavra Logos, o mundo, imanência e transcendência ao mesmo tempo, a totalidade manifesta na unidade de cada coisa, o Todo-Um. Para alcançar um conhecimento do que é a linguagem e de como ela toma forma dentro do homem, é preciso ser capaz de pensar poeticamente. É por isso que, nos tempos de Heráclito, o pensador havia de ser poeta.

Aproximadamente um século e meio mais tarde, quando Platão (2001) escreveu o *Crátilo*, em busca da origem da linguagem e da adequação entre os sons da palavra-signo e a coisa significada, encenou Sócrates ao voltar do templo de Apolo, inebriado pela inspiração divina, “delirando” na busca pela origem das palavras gregas: deus, herói, homem, alma, espírito, corpo, etc. O mestre deixava-se levar pelos sons e suas correspondências harmônicas com os aspectos racionais do conhecimento formulado sobre as coisas referidas nas palavras. Os argumentos poéticos de Sócrates pareceram sábios devaneios a seus discípulos ouvintes por não constituírem argumentos suficientemente lógicos, e sim meras inspirações poéticas, belas e sábias, mas incertas do ponto de vista racional. Ele próprio, de fato, pede desculpa a seus interlocutores por tanta inspiração e falta de razão. Sábua ironia... Mas o que quis Platão ao dar voz ao longo de tantas páginas aos devaneios de Sócrates, para depois concluir que este estava indo na direção equivocada da poesia?

Camadas e camadas de opacidade, já na Grécia do século V a. C., impediam Hermógenes de enxergar entre palavra e realidade outra coisa que não fosse uma mera relação de convenção. Diante da força lógica desses argumentos, Sócrates deu, então, uma série de exemplos de que havia, além das convenções, sentidos escondidos nas sonoridades das palavras e procedeu a uma espécie de escavação de várias palavras, demonstrando relações entre suas origens etimológicas e a essência das coisas nomeadas – relações que se dão por uma rede de associações de sentidos cada vez

mais profundos, até chegar a algo que parece se aproximar da “natureza” da coisa nomeada. Está claro que, quando Sócrates (PLATÃO, 2001) aponta para a natureza das coisas e dos entes das coisas na formação dos nomes, a palavra “natureza” não parece ter o sentido restrito da física e da biologia (*physis, bios, zoe*), ou da vida material, mas pode ser entendida aqui no sentido exposto por Bohm (2008) de que, não havendo diferença substancial entre mente e matéria e ambas sendo inseparáveis, a “natureza” das coisas é, ao mesmo tempo, mente e matéria. A natureza seria, então, a substância físico-noológica de que se originam as coisas. E é essa natureza original que está contida nas palavras enquanto sonoridades (fonemas/oralidade/musicalidade da língua) e formas (morfemas/escrita/plasticidade da língua). A rigor, para cada coisa, um som original (vibração de uma onda) e, para cada som original, uma forma (condensação da onda sonora em pontos, formando cores).

O discurso de Sócrates foi considerado delirante, fruto de alguma inspiração divina e não de um raciocínio lógico demonstrável, o que representa uma fraqueza textual. O próprio Platão, embora tivesse, por meio de Sócrates, apresentado e defendido a tese do naturalismo, refuta-a incessantemente, em um movimento de vaivém entre argumentos convencionalistas e naturalistas, para já no fim chegar à conclusão de que não há como admitir uma resposta certa:

Sócrates: Meu bom Crátilo, há muito tempo que eu mesmo me espanto com minha sabedoria. E não acredito nela. Por isso, parece-me que tenho que examinar de novo aquilo que afirmo. Porque ser alguém completamente enganado por si mesmo é a mais penosa das coisas [...]. É, pois, necessário, segundo me parece, voltarmos frequentemente às coisas que dissemos e esforçarmo-nos, como diz o poeta, por “olhar simultaneamente para diante e para trás” (PLATÃO, 2001, p. 125).

Todas as interpretações posteriores do *Crátilo* apontam para delírios de Sócrates e desvios da língua grega, tais como palavras que teriam sido forjadas por Platão para atender às necessidades de sua demonstração acerca da correspondência entre a natureza das coisas, suas sonoridades no nome e seu sentido genuíno. Depois disso, a questão foi retomada na esfera filosófica e, com Aristóteles (384-322 a. C.), a lógica convencionalista não tardou a se instalar, cada vez mais distante da lógica poética. A linguagem se destaca como um fato eminentemente humano. E logo, com

a lógica convencionalista, também a lógica da língua como sistema de representação passou a predominar na noosfera linguística.

Em 1749, durante a segunda grande onda de iluminação do pensamento ocidental pela razão – a chamada filosofia das luzes –, Rousseau escreveu o *Ensaio sobre a origem das línguas* (1998, p.21), em que comenta que “Platão, em seu *Crátilo*, não fora tão ridículo como pareceu”. Rousseau, também ele, apesar do caráter lógico-racional de seu pensamento, notável em seu texto, não deixa de reconhecer que há mistério na relação entre a lógica da gramática e das regras ortográficas e lexicais de uma língua, por um lado, e as adequações aparentemente ilógicas entre as coisas e seus nomes, por outro lado. E, em vez de seguir os passos de Sócrates (PLATÃO, 2001), que encontrava na poesia a inspiração para uma melhor compreensão das associações entre nomes e coisas nomeadas, Rousseau aproxima tal mistério da música, feita de harmonias, correspondências, melodias e encantamentos, mais sensíveis do que racionais, que ele aponta como uma possível origem da linguagem em sua adequação coisa-nome. Na natureza, diz ele, tudo é som, e há de haver uma relação entre os sons da natureza e os sons articulados pela linguagem no humano. Rousseau não resolve o mistério da origem das línguas, não nos dá provas da correção de suas suposições. Mas nos dá argumentos filosóficos lógicos para uma possível origem musical da língua. Nesse período, inaugurado por Platão (2001) e reforçado pelos filósofos iluministas, o pensador distanciou-se muito da razão poética heraclitiana. Deixou de recorrer à poesia (que passa a ser considerada delirante) e tornou-se, antes de tudo, filósofo. Com Rousseau, a premissa de um Logos a ser ouvido, de um Logos que precede a todas as coisas, que é Tudo-um, tornou-se música, linguagem audível, mas não necessariamente compreensível pela razão nem dizível em palavras.

Mais tarde, depois do longo período de interdição do assunto da origem das línguas nas esferas universitárias europeias – período que se estendeu de 1866 a 1996 (130 anos), quando as conferências sobre a origem das línguas voltaram a ser organizadas –, os cientistas declararam infundadas as diversas hipóteses filosóficas da origem musical, onomatopeica ou emotiva da linguagem. E partiram para a grande aventura da volta no tempo em busca dos cognatos que pudessem apontar para origens linguísticas comuns. Entre as mais de 6.000 línguas faladas no mundo, somente 60 foram agrupadas em uma família, a maior até hoje identificada e que constitui o tronco das línguas indo-europeias.

As abordagens científicas até hoje utilizadas pouco nos esclarecem sobre a existência ou não de uma origem comum de todas as línguas, de uma língua-mãe única e, no entanto, não impedem que os mitos da língua única permaneçam e continuem sendo um parâmetro para perspectivas humanistas universais, seja entre os cientistas, seja entre os filósofos e literatos. No âmbito da reflexão legitimada pelos parâmetros científicos, a poesia não toma mais parte nenhuma, a não ser como forma, gênero literário ou, ainda, como uma das funções da linguagem na análise pragmática da comunicação humana.

No entanto, se a poesia esteve no princípio de toda a reflexão sobre linguagem, se a filosofia dela não prescindiu, então, da mesma forma, a ciência – se não quiser abandonar as questões fundamentais da linguagem – não pode abrir mão nem da filosofia nem da poesia em sua abordagem. Poesia, filosofia e ciência são três formas necessariamente complementares para se considerar a linguagem na perspectiva de seus fundamentos. De fato, podemos dizer que os homens se tornaram produtores de discursos sobre a linguagem, todos assentados sobre uma premissa que hoje predomina: a premissa da língua como sistema de signos e de representação. Nessa perspectiva, as palavras não falam como as coisas, mas são signos utilizados para representar as coisas e, à medida que são produzidos signos e discursos, vamos nos afastando cada vez mais da realidade das coisas e adentrando níveis cada vez mais densos e complexos de representação, necessitando da metáfora como possibilidade de nos reaproximarmos do real, embora de maneira falha e aproximativa.

Estamos, com o espírito científico, cada vez mais distantes do Logos heraclítico. Por outro lado, os poetas, que também passam boa parte de suas obras tratando das relações entre o homem e a linguagem, entre a linguagem e a realidade, não abrem mão, sob o pretexto de que a língua passou a ser considerada unicamente como um sistema de representação, de buscar no nível poético da linguagem uma autenticidade genuína que aproxime a palavra da realidade e não apenas de uma representação da realidade. Não era isso que Heráclito ensinava aos homens? Que o Logos é o mundo, imanência e transcendência ao mesmo tempo, a totalidade manifesta na unidade de cada coisa, o Todo-Um? E que quem busca respostas sobre si mesmo em suas relações com o outro e com o mundo deve ouvir não a si mesmo, mas ao Logos?

Para pensar a linguagem, pensar por meio da poesia. Para pensar por meio da poesia, ser poeta, ouvinte do Logos. Como muito justamente entendeu Heidegger (1998), em 1949, quando voltou sua atenção para a poesia, o que interessa a nós que pensamos a linguagem não é a língua enquanto meio de expressão do homem, tampouco a língua enquanto instrumento de trocas comunicativas entre os homens; é a língua enquanto portadora de sua própria fala, enquanto fala do mundo, enquanto Logos. Somente nessa perspectiva poderemos dizer algo sobre a língua em seu sentido primeiro e genuíno.

A poesia não está morta, muito menos o mito e o pensamento poético – eles estão afastados, tão afastados que estão quase perdidos. O que precisamos pensar é onde está o poético. E nós temos uma hipótese a comprovar aqui: o paradigma poético está perdido na oralidade primeira.

3 Afastamento da totalidade em três graus

Em busca da oralidade primeira, o sistema representacional da linguagem precisa ser, por um momento, abandonado. Essa proposta surpreende e até desagrade. Como se desfazer do grande princípio que fundamenta toda a linguística e segundo o qual esta seria a ciência dos signos – a semiologia – na qual o signo é constituído por um significante e um significado? Este não era o princípio inaugural da linguística, enunciado por Saussure, em 1916? Como seria possível prescindir dele e de todo o conhecimento subsequente? E para quê?

O primeiro motivo para esse abandono metodológico é simples e ingênuo: a enunciação clara da noção de representação chegou ao conhecimento sobre a linguagem de forma tardia (em 1916), em uma etapa posterior e diretamente ligada à tese convencionalista da instituição da língua que já vigorava de forma premente na era aristotélica, e tinha sido abandonada durante o período medieval. No entanto, o que precisamos aqui é apreender o que aconteceu antes que essas teses prevalecessem no Ocidente. Como a linguagem podia ser compreendida e racionalizada antes que o pensamento convencionalista e representacional dominasse? E como ela podia atender às necessidades humanas de compreensão do mundo? É possível identificar em outras partes do mundo, em outras culturas onde o

pensamento ocidental não vigora, formas poéticas de compreensão do mundo que possam nos auxiliar nessa busca? Será possível identificar ainda em nossa linguagem traços, resquícios ou marcas da poeticidade original da linguagem e do pensamento? Supomos que sim e sairemos em busca delas.

O segundo motivo é que o sistema representacional cria ilusões, impondo limitações a nossa visão de mundo. A ilusão da língua como sistema de representação da realidade é facilmente apreensível, por isso mesmo rendeu muitos frutos na teorização sobre a língua e o signo, mas não deixa por isso de ser ilusória. Vejamos como a lógica da representação pode ser uma ilusão de primeiro, segundo e terceiro graus sobre a relação entre palavra e realidade, se não formos capazes de buscar no domínio do aspecto mais autêntico da língua sua qualidade e de apostar na volta a uma língua original capaz de encontrar a relação mais direta entre sonoridades e formas, de um lado, ou seja, musicalidade e plasticidade da língua, e natureza das coisas, por outro, ou seja, mente e matéria do mundo. Essa relação mais direta, essa correspondência perfeita seria a realidade em seu sentido mais autêntico.

Tanto na música quanto na dança ou em qualquer forma de arte, o poético consiste na busca pela superação do limite colocado pela lógica da representação. Na língua, é a poesia que busca efetivar essa superação de limite, causado pela ilusão da lógica representacional e que está colocado em três níveis:

- a) Na representação ou na ideia que fazemos do que seja a língua: um sistema de representação;
- b) No uso que nos acostumamos a fazer da língua numa perspectiva comunicativa de informação horizontal;
- c) Na perda de espírito criativo numa perspectiva comunicativa poética vertical.

O primeiro nível podemos dizer que é de ordem metalinguística, ou seja, conceitual. O segundo nível é de ordem social e o terceiro, de ordem religiosa.

De fato, a concepção que temos da língua é um fator importante no uso que dela fazemos e no que pensamos poder alcançar com ela. Dizer que a língua é um sistema de representação, como o faz a tradição linguística, estabelece uma distinção entre o signo e o objeto que imediatamente instaura uma distância entre realidade e língua. Uma

dupla distância, segundo Aristóteles (1988), já que nos distanciamos da realidade uma vez ao observá-la e outra vez ao imitar o fruto da observação com o nosso sistema sógnico de representação. Diante de tal concepção de linguagem, podemos fazer os seguintes questionamentos: somos observadores imitadores da realidade ou somos a realidade? Somos sempre exteriores e temos a realidade diante de nós? Ou somos parte da realidade e atravessados por ela? Até que ponto somos capazes de atravessar a realidade que nos atravessa? Qual o sentido do fluxo incessante da comunicação entre nós e a realidade, na medida em que também somos parte dela?

A concepção “representacional” da língua reduz o lugar do homem a um lugar de observador-imitador e, de certa forma, nega-lhe sua capacidade comunicativa, criativa, participativa. Influenciados por nossos conceitos, podemos dizer que a concepção representacional da linguagem é determinante do uso que dela se tende a fazer. O primeiro limite a ser superado é, portanto, de ordem conceitual.

O segundo nível de limitação é de ordem social. O uso predominante que fazemos da língua é horizontal, ou seja, usamos majoritariamente a língua para fins de trocas de informação entre pessoas. Nessa perspectiva, estudos funcionalistas apontam para cinco funções básicas da linguagem: a emotiva (centrada no emissor), a referencial (centrada no objeto da fala), a conativa (centrada no receptor), a fática (centrada no canal), a metalinguística (centrada no código) e uma função poética, centrada na própria mensagem, que seria a adequação entre aquilo que se pretende nomear ou significar e a forma como se consegue nomear ou significar aquilo (JAKOBSON, 1960/2005). Na perspectiva representacional, esta última função dá-nos a entender que a adequação entre aquilo que se pretende nomear ou significar e a forma como se consegue nomear ou significar aquilo não é perfeita. A presença e a participação de um receptor na comunicação junto com o emissor tornam ainda mais precária a função poética devido às intersubjetividades implícitas. A função poética passa a ser, então, a mais frágil das funções, e seu aprimoramento visa a uma necessidade de comunicação sem ruídos, com clareza e razão e com menos margem de interpretações e mal-entendidos.

O que chama atenção, portanto, nesse segundo nível de limitação, é que a prioridade dada a uma comunicação em sentido horizontal impõe uma relação ao poético que luta contra suas principais características: sua subjetividade, sua verticalidade, sua profundidade, sua abertura. Eis um limite de ordem social que impregna totalmente nossa

relação à linguagem e que está diretamente ligado ao terceiro limite que qualificamos aqui de religioso, no sentido da religação do homem a suas origens e à fonte primeira de suas inspirações linguísticas, aquilo que Bolle de Bal chamou de *reliance cosmique* (2003b).

Em um terceiro nível, pois, de ordem religiosa, já não há busca de “religação” do homem com a realidade, posto que o homem tem a realidade à frente. O simples fato de representar, ainda que de forma imperfeita, a realidade parece bastar. E o importante parece ser apenas o que se dá no nível horizontal das relações sociais. Apesar de parecer sensata, essa aceitação tem o sabor de uma renúncia. Uma renúncia explicitada por Wittgenstein, quando este, a partir da recusa, em 1929, de uma linguagem primária, dirige sua atenção para os aspectos gramaticais da linguagem ordinária que poderiam perfazer a exposição das condições de possibilidade de enunciados sobre os dados dos sentidos, constituindo-se na gramática das proposições da física. E depois da primeira conclusão de que “sobre o que não se pode falar, deve-se calar”, Wittgenstein (2001) conclui que “as proposições metafísicas são contrassensos decorrentes da má compreensão do funcionamento da linguagem”, deixando então uma porta aberta para mais investigações.

Na perspectiva representacional, o homem acredita ter o mundo adiante. Ele não concebe sua linguagem como participante e propiciadora do fluxo universal do mundo. Ao contrário, ele fragmenta o mundo em dois níveis: o nível físico material do real e o nível mental da linguagem por meio da qual ele acredita ter acesso à realidade, uma vez posta em palavras.

Uma segunda consequência do terceiro nível de limitação apresentado pela concepção representacional da linguagem é uma clara perda na busca do autoconhecimento. Esta limita-se a um sentido psíquico autorreferencial e não mais relacional. De fato, se o homem encontra-se distinto e apartado do movimento universal em sua linguagem, como pode ele ter a chance de conhecer suas ligações íntimas com esse mesmo movimento universal? Como pode ele se identificar com – e identificar em si – as forças cósmicas e naturais se ele se encontra diante delas e se suas possibilidades de interação com elas se dão apenas no nível de uma linguagem elaborada a partir dele mesmo e não em concordância com elas? Dito de outra forma, o homem que participa fisicamente do movimento da totalidade acredita que sua linguagem não lhe permite perceber e dizer essa participação, afastando-o de sua própria natureza participativa.

Ora, se o ponto de vista da física contemporânea nos permite conceber o mundo como “totalidade indivisível em movimento fluindo” (BOHM, 2008), podemos supor que haja, e que urge encontrar, uma concepção de linguagem adequada a essa concepção física do mundo. Podemos, por exemplo, experimentar a perspectiva fenomenológica de uma linguagem como movimento cujo fluxo acompanha de maneira harmônica o movimento da totalidade, cuja força nos atravessa antes mesmo que consigamos tomar consciência dela, dar-lhe nome, pô-la em palavras, organizá-la numa sintaxe frástica, textual e intertextual.

Tal perspectiva não está muito distante da afirmação do poeta Novalis (1988) quando disse que a poesia é a religação originária da humanidade. Pois o poeta é aquele que é atravessado pelo raio da linguagem. Mas não essa linguagem como sistema de representação, e sim a linguagem como força oriunda do mundo, dinâmica e fluida, que atravessa o homem, assim como atravessa todas as coisas.

4 As esferas da língua

Poesia é, para nós, a linguagem do homem cujos corpo, mente e espírito estão em estado de vidência-audiência. Nisso, ela é a apreensão lúcida do real. Os poetas, assim como os povos ditos primitivos – que preferimos aqui chamar de povos poéticos (HEGEL, 2001) –, sabem-no. Tanto que não necessitam dizê-lo, muito menos prová-lo. Tal tarefa cabe aos que precisam de teorizações sobre a linguagem, provavelmente porque, ao longo de um lento processo histórico da evolução do conhecimento, a percepção desta se lhes há sido tolhida em seu lugar fundamental: a poesia.

“Poeticamente, o homem habita” (HÖLDERLIN, 1930 citado por HEIDEGGER, 1994). É preciso exercitar o pensamento poético, escapar à razão representacional, deixar-se conduzir pelo poético. Experimentaremos aqui, pois, apresentar a língua como um microcosmo, esfera em movimento, astro girando incessantemente dentro de um movimento cósmico maior, que é a linguagem em seu sentido mais amplo, aquilo que os gregos denominaram Logos e que, antes de significar palavra, língua ou lógica, é a própria presença do Real, aquilo de onde tudo emana: o Todo-Um universal, segundo Heráclito.

Para entender a relação do homem com a esfera da língua, imaginaremos que ele se encontra encerrado em seu centro. O homem é, portanto, um ser envolvido pela língua. Ela o cerca, o abriga, o prende, a depender de sua relação com ela. Ela é seu primeiro universo, um pequeno cosmo que ele habita. E é por meio dela que ele apreende todas as coisas. A esfera da língua, densa em seu centro, vai se tornando mais leve e sutil à medida que se afasta do centro e, consequentemente, do homem, até que sua sutileza se desmanche no ambiente noosférico (TEILHARD DE CHARDIN, 1955) que rodeia a esfera.

O poeta não só pensa e mentaliza imagens adequadas à sua necessidade de expressão. Ele experimenta a verdade do mundo com o corpo todo, os sentidos abertos; ele sente o cheiro, ouve o som, experimenta o sabor, vê a imagem, percebe a temperatura. E é quando o corpo e a mente estão em sintonia que as sensações se transformam em palavras e que todo o espírito se expande. O poeta é um vidente-audiente de corpo, mente e espírito presentes.

A esfera da língua, longe de ser estática e fechada, constitui um pequeno cosmo em si que todos os estudos linguísticos em suas mais variadas abordagens ainda não descreveram por completo. Mesmo porque algumas distinções ainda podem ser feitas que revelarão pontos de vista sobre a língua ainda muito pouco explorados na reflexão linguística.

Vilém Flusser (2004) apresentou um esquema esférico da língua em que ele distinguiu várias camadas que se sobrepõem umas às outras em direção aos dois polos do Nada. Segundo ele, o homem enquanto espécie habita essa esfera e podemos considerar que ela representa o potencial linguístico do homem que se manifesta no indivíduo de formas distintas a depender de uma série de fatores culturais, psíquicos, sociais, educativos, etc.

Em sua representação da língua em camadas, Flusser estabelece uma ordem vertical que vai do Equador da Realidade aos Polos do Nada, em dois sentidos espelhados para cima e para baixo. Existem, portanto, relações de correspondência entre os dois hemisférios e relações hierárquicas dentro de cada hemisfério. À conversação do hemisfério superior, corresponde a conversa fiada do hemisfério inferior, à poesia do superior, corresponde a salada de palavras do inferior, e à oração do superior, corresponde o balbúcio do inferior. A oração conduz ao Nada Superior, o balbúcio conduz ao Nada Inferior. A diferença entre os dois Nada é que o primeiro é positivo, construtivo e sagrado; o segundo

é negativo e aniquilador. Encontramos aqui o valor duplo e antagônico da língua de Esopo, não só em sentido horizontal da comunicação humana e social, mas também em sentido vertical de uma comunicação transcendental. O balbucio horizontal leva ao desentendimento, à confusão, à cacofonia, enquanto o balbucio vertical leva à loucura e à morte. Já no polo superior, a oração horizontal leva à harmonia das relações, à intercompreensão, ao diálogo, enquanto a oração vertical leva à elevação espiritual, ao aprofundamento na intimidade das coisas, à experiência mística.

Quanto às relações hierárquicas, elas são compreendidas em relação aos polos que são o equivalente a atratores magnéticos, ou seja, a tendência natural da língua. No hemisfério superior, as camadas vão da conversação à poesia e da poesia à oração no nível mais alto e próximo ao polo. No hemisfério inferior, a relação hierárquica se inverte, partindo da conversa fiada, indo para a salada de palavras até o balbucio no polo inferior.

Tal tentativa de representação da esfera linguística traz algumas consequências para a nossa relação com o universo da linguagem e da cultura. Primeiramente, a esfera, forma geométrica pura, expressa simultaneamente as noções de totalidade e de infinitude contidas na noção de Aberto. Duas noções que, juntas, tornam-se problemáticas para nosso espírito linear. No entanto, elas existem simultaneamente. Por um lado, temos a totalidade expressa na circunferência; por outro, a infinitude expressa na relatividade da distância entre o centro e a circunferência: a circunferência existe, mas sua distância do centro não é determinada. Ou seja, existe sempre a possibilidade de se aumentar a distância do centro para a circunferência. A totalidade, portanto, configura-se como uma busca que acompanha a infinitude relativa.

Em segundo lugar, o centro pode ser definido de vários lugares, ou seja, cada ponto de manifestação no universo é, potencialmente, o centro de uma esfera. Isso significa que há tantas esferas quanto formas de manifestação na natureza. Isso vale tanto para a multiplicação das esferas quanto para a demultiplicação em unidades menores dentro da unidade maior.

Em terceiro lugar, as esferas não são estáticas, ou seja, giram sobre si mesmas (eixo interno), mas também giram em torno de um elemento central, que, por sua vez, gira em torno de um elemento central, e isso se repete indefinidamente, multiplicando-se as rotações de forma essencialmente harmônica e cíclica. Supõe-se, portanto, que os

movimentos giratórios da esfera linguística obedeçam a uma ordem sistêmica, ordem esta criadora e criativa. E que sua totalidade forme o princípio dinâmico da comunicação das coisas entre si, por meio do movimento das esferas.

Quem diz ordem sistêmica também diz desordem provável. Vértices e vórtices tragam incessantemente novos elementos para dentro e para fora do sistema esférico da língua: destruição, inovação, renovação, transformação são os movimentos essenciais dos sistemas abertos que, potencialmente, não morrem porque seus ciclos são dinâmicos e oscilam entre polos magnéticos positivos e negativos. Talvez seja por isso que os lugares mais confortáveis, seguros e conservadores da esfera da língua estejam nas regiões próximas ao centro e ao nível do Equador. Vejamos que relação existe entre o universo linguístico esférico e a realidade. O que chamamos de língua e o que chamamos de realidade são coisas semelhantes? Idênticas? Diferentes? É possível conhecer essa relação? Que sistemas lógicos permitem apreender a relação língua-realidade?

Como vimos, não há diferença entre mente e matéria, e a natureza é constituída de substância físico-noológica. Podemos até dizer que o que Theillard de Chardin (1955) chamou de noosfera e que comparamos à atmosfera da Terra é constituído por essa substância físico-noológica e que tal substância é apreensível. De acordo com a visão das esferas, quanto mais ao centro da esfera estivermos, mais distantes das possibilidades de contato com essa substância da natureza (físico-noológica). Paralelamente, quanto mais afastados do centro e próximos da circunferência, mais próximos da possibilidade de contato com a substância físico-noológica.

De acordo com Flusser (2004), as camadas da esfera linguística mais afastadas do centro são as da poesia e da oração no hemisfério superior, e as da salada de palavras e do balbucio no hemisfério inferior, sendo que, mais perto do centro, ocorre a conversação (polo superior) ou a conversa fiada (polo inferior). Isso significa que, para Flusser, a oração é o nível da linguagem que consegue estar em contato com a substância físico-noológica das coisas. E a poesia é o que se aproxima dessa substância. Mas qual seria aqui a diferença entre oração e poesia? No sentido que entendia Flusser, a oração é uma forma elevada e sagrada do poético, que toma a forma das línguas sagradas, que ele mesmo denominou de “línguas santas”. Seria então esta a acepção da palavra poesia que queremos utilizar.

5 Considerações finais

Para nós, aqui, a poesia é exatamente esse nível de linguagem tão elevado que se transforma em oração e está em contato com a substância físico-noológica das coisas, o que podemos identificar com a essência ou ainda a natureza das coisas, de acordo com a terminologia de Platão (2001). Formalmente, pensamos aqui na poesia mística das mais diversas culturas e nas orações divinas das mais variadas religiões. Mas, informalmente, acreditamos também que tais formas de manifestação linguística não são necessariamente estranhas à prosa, ao cotidiano e ao comum. Não seria ousado dizer, apesar de ser de difícil comprovação, que há um croma e uma vibração sonora correspondente a essa camada da língua.

Ora, para muitos pensadores da linguagem, desde as origens da filosofia grega até os mais contemporâneos, a poesia está, na hierarquia das artes e das linguagens, na posição mais elevada. Na sua categorização das funções comunicativas da linguagem, Jakobson (2005) atribui à função poética a de “dar melhor configuração à mensagem”, o que pode ser feito por meio da configuração de sonoridades e ritmos, aproximando a arte poética da arte musical, assim como de conteúdos semânticos tanto metonímicos quanto metafóricos. É no texto *Linguística e poética*, publicado originalmente em 1960, que Jakobson afirma:

A presente conferência mostrou claramente que o tempo em que os linguistas, tanto quanto os historiadores literários, eludiam as questões referentes à estrutura poética ficou, felizmente, para trás. [...]. Todos nós que aqui estamos, todavia, compreendemos definitivamente que um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos (2005, p.162).

Sendo assim, podemos dizer que, na interação entre estudos linguísticos e estudos da comunicação, desde Jakobson, não se pode mais eludir as questões referentes à estrutura poética da linguagem.

Na comunicação, vários pensadores estão voltando seu olhar para a dimensão poética. Encontramos em Ciro Marcondes Filho (2010) uma teorização comunicacional que coloca o que chamamos de poético no primeiro plano do “acontecimento comunicacional”. Esse pensador brasileiro assenta sua reflexão na filosofia e, especialmente, em filósofos que, sem pertencer à chamada área da comunicação, fornecem-lhe as bases de uma reflexão sobre o processo comunicacional como ato de linguagem, ato social, ato psicológico, ato artístico. Wittgenstein, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Nietzsche e Benjamin, mas também Bergson e Bateson, Deleuze, Luhmann, Derrida, Bataille e outros. Extraíndo a lógica do sentido de um processo de significação representado, o autor apresenta a comunicação como uma razão que só pode se realizar em ato, uma razão-durante:

Em uma palavra, diante do vazio que é a língua e a estruturação geral da linguagem, como o pretendiam Saussure e seus seguidores, há que se colocar a vitalidade, a energia, a expressividade do falar que anima a expressão, a insere neste momento, a realiza como força. Afora isso, língua e linguagem não passam de fatos mortos (MARCONDES FILHO, 2010, p. 86).

À guisa de conclusão, queremos chamar atenção para o fato de que, se desenvolvemos aqui uma reflexão em torno da linguagem e de sua dimensão poética, foi com o intuito de propor ao pensamento sobre as teorias da comunicação a revisão de uma das suas maiores bases epistemológicas: a lógica da representação, baseada numa razão escrita, escriptural e linear, fundamento de uma das várias formas de racismo contra as culturas não-letradas, de uma das várias formas de etnocentrismo que cega parte da humanidade para o potencial teórico-racional de outras epistemologias possíveis. Com isso, cremos que é urgente participarmos ativamente da revisão das noções fundamentais do nosso campo epistemológico.

Referências

ARISTÓTELES et al. *A poética clássica*. Introdução Roberto de Oliveira Brandão. Trad. Jaime Bruna. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

BOHM, D. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Madras, 2008.

BOLLE de BAL, M. Reliance, déliance, liance: émergence de trois notions sociologiques. *Société* n° 80. 2003b. (99-131). Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-societes-2003-2-page-99.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

CARNEIRO, G. F. e HOFF, T. *Poéticas da mídia* – Midiatizações, discursividades, imagens. Goiânia: Facomb/UFG, 2012.

COSTA, A. *Heráclito*. Fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

FLUSSER, V. *Língua e realidade*. São Paulo: Anna Blume, 2004.

HEGEL, G. W. *Curso de estética*. São Paulo: Edusp, 2001/06. 4 vols.

HEIDEGGER, M. *Hölderlin y la esencia de la poesia*. Barcelona: Anthropos, 1994.

_____. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Gulbenkian, 1998.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2005.

MARCONDES FILHO, C. *O princípio da razão durante*: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. Nova teoria da comunicação III – Tomo V. São Paulo: Paulus, 2010.

NOVALIS. Pólen. *Fragmentos, diálogos, monólogo*. São Paulo: Iluminuras, 1988.

PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

ROUSSEAU, E. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas: Unicamp, 1998.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot, coll. “Grande bibliothèque Payot”, 1995 (1re éd. 1916).

TEILHARD de CHARDIN, P. *Le phénomène humain*. Paris: Seuil, 1955.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

Recebido em 05.05.2015. Revisado em 08.06.2015. Aceito em 25.06.2015.